

TURISMO DA JUVENTUDE: FERRAMENTA PARA O PLANEJAMENTO TURÍSTICO INTERNO E INCLUSÃO SOCIAL

Antonio Rafael Mesquita¹
Lélio Galdino Rosa²

RESUMO: O trabalho relata a viagem de cinco estudantes do curso de Turismo da UNESP (Universidade Estadual Paulista), que percorreram todo o litoral paulista a pé e de ônibus em nove dias a fim de constatar as condições do turismo da juventude nessa região. Com um gasto mínimo e diferentes experiências, enfrentaram e analisaram situações e ações do planejamento turístico interno. Foram verificados aspectos da infra-estrutura, facilidades e alguns serviços disponíveis ao turista em geral e jovem. O artigo busca também se tornar ferramenta para pesquisadores e organizadores do setor turístico avaliarem e repensarem algumas medidas de “planejadores” do meio. E também trazer idéias para futuras políticas para o turismo interno bem planejado e inclusão social.

PALAVRAS-CHAVE: turismo da juventude; pesquisa; planejamento; segmento.

Este trabalho revela uma forma não tão habitual de viajar que cinco jovens estudantes – do curso de Turismo com Ênfase em Meio Ambiente da UNESP (Universidade Estadual Paulista) criado em agosto de 2003, Unidade de Rosana-SP –, fizeram em prol do desenvolvimento do turismo convencional e da juventude. Apenas com mochilas, barracas e os pés, caminhando (exceto de uma cidade à outra, que era utilizado transporte coletivo), atravessaram o litoral paulista inteiro; de Cananéia, primeiro município ao Sul do litoral do estado de São Paulo na divisa com o Paraná, até Ubatuba, divisa com o Estado do Rio de Janeiro em nove dias; com um gasto mínimo; acumulando experiências ímpares, enfrentou-se e analisou-se as situações e ações relevantes para o turismo nacional e busca trazer à tona reflexões sobre o planejamento organizado e responsável do turismo interno (e o turismo da juventude, que vem ganhando cada vez mais espaço), desde a regulamentação da profissão do bacharel até hospedagens alternativas (albergue da juventude e *camping*), e também condições essenciais para o fomento do turismo interno e suas reciprocidades junto aos turistas e a repensar atitudes de “planejadores do campo turístico”.

Planejava-se fazer uma viagem no período das férias de julho e que não ultrapassasse 14 dias, devido a motivos particulares de cada integrante, capacitar um percurso longo e também por causa da pouca duração das férias no meio do ano.

Depois de algumas análises, foi pensado em fazer algo que não fosse tão simples e corriqueiro e que unisse o entretenimento com uma crítica ao planejamento turístico em cidades; essa crítica não seria tão profunda, pois o grupo estava no início do curso de

¹ Graduação: Bacharelado em turismo – UNESP (Universidade Estadual Paulista)

² Mestre em Turismo e Hotelaria, espec. Adm. Hoteleira, Economista, Prof. de Turismo na UNESP

graduação (dois alunos no final do 2º semestre e três finalizando o 1º semestre) e, logo, sem uma base solidificada para fazer julgamentos concretos da situação turística e seu planejamento, porém, ansiosos em fazer algo relevante à futura profissão e também foi consultado dois mestres do corpo docente da Unidade a fim de reforçar as constatações e orientação.

Foi decidido que o destino seria o litoral paulista, tanto pelas belezas naturais quanto por áreas de interesse dos integrantes, como: ecoturismo, turismo mochileiro, social, entre outros. Ao invés de escolher alguns locais específicos, chegou-se ao consenso de visitar o litoral paulista inteiro apenas com mochilas, barracas e os próprios pés como meio de condução, – é claro que de uma cidade à outra se atravessava por transporte coletivo, ou carona – pois seria inviável percorrer o trajeto; que foi de Cananéia, primeiro município ao Sul do litoral do estado de São Paulo na divisa com o Paraná, até Ubatuba, divisa com o Estado do Rio de Janeiro; a pé no prazo máximo de 14 dias.

No momento da viagem e (até o momento atual) a turma não possuía uma boa renda para a empreitada, logo teria que ser buscados meios alternativos e baratos para efetivá-la e torná-la algo agradável e produtivo. Nesse aspecto o termo mochileiro se encaixou para o grupo, não tanto pelo fato da condição monetária, mas o de se buscar viajar fora do habitual, pela estrada e em um pequeno grupo. Segundo Giaretta (2003, p. 07) mochileiro é: “Aquela pessoa que viaja fora dos esquemas convencionais; ‘pé na estrada’; prefere viajar sozinha ou em pequenos grupos”.

Pensou-se em algum eventual patrocínio, mas sem sucesso, quem acreditaria que cinco jovens “passeando” pelo litoral geraria algo produtivo; não que o plano tenha sido subestimado; muitos inclusive deram incentivos, mas apenas morais; o que acabou por determinar a vontade maior do grupo e fazer algo para o Turismo.

O que se fez foi reunir informações dos locais a serem visitados, para adequar o que e em quanto tempo ocorreria a visita, em guias de praias especializados, consultando principalmente as distâncias, estradas, transportes, atrações, órgãos públicos, e eventuais preços. E também conhecimentos pessoais do litoral, já que cada um do grupo costuma ir para diferentes lugares do litoral paulista.

- A distância estipulada para o trajeto todo, por meio de escalas geográficas constadas nos mapas dos guias, foi de 600 km, dividido pelas duas semanas resultaria em 42 km diários, logo, foi estipulado um, no, máximo, dois dias para cada município, mas a efetivação do estudo realizado seria, mesmo, feita durante a viagem, devido às diferentes situações de clima, dinheiro, hospedagem e outros.

- Elaborou-se um planejamento (uma tabela) de gastos para 14 dias que abrangeu o valor de passagens para o percurso todo, alimentação, hospedagem, passeios e outros chegando em um valor aproximado de 350 reais (equivalente a 140 dólares com a cotação estipulada em 2,5 reais e 112 euros com cotação de 3,1 reais). Este valor pode ainda não ser muito acessível, mas vale lembrar que foi para uma viagem extensa, um viajante que queira e não possa gastar pode viajar em um final de semana, por exemplo, que o valor será inferior.

- (Baseado na experiência de alguns membros em viagens e acampamentos anteriores), formulou-se também uma lista de itens, que seriam levados e utilizados no percurso, para revisão pré-viagem e esses itens foram divididos em: equipamentos de camping, vestuário, produtos médicos e de higiene pessoal, alimentos e outros.

Para tal finalidade coletaríamos todo material disponível aos visitantes das cidades: *folders*, mapas, propagandas, e visitaríamos órgãos responsáveis pelo turismo, sejam eles prefeituras, CIT's (Centro de Informações Turísticas), COMTUR's (Conselho Municipal de Turismo), secretarias, entre outros. E também entrevistas com os responsáveis desses órgãos, turistas e autóctones.

Foi realizado pode-se dizer uma pesquisa participante por se assemelhar em alguns aspectos com a definição de Gil (2002 p.55) para esse tipo de pesquisa como: “caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

Os objetivos da viagem foram, viajar por um “longo período”, conhecer o máximo de lugares com pouco gasto unido com os principais objetivos, que são de constatar as condições do turismo tradicional e da juventude em todo o litoral paulista, referente ao seu planejamento, desde a contratação de profissionais da área até a verificação das necessidades essenciais ao turista como alguns quesitos da infra-estrutura, hospedagens (albergues e campings), descontos, e facilidades (placas ilustrativas de relevância, central de informações, guias, ente outros). E adquirir experiência na prática como futuros planejadores e administradores com a união do lado turista para uma visão mais ampla dos dois lados (pesquisador-turista).

Objetivos do artigo são de transpor as constatações da viagem a fim de tentar torná-lo uma ferramenta de reflexão da situação turística, para estudantes e profissionais do meio se engajarem em lutas e promover trabalhos para sua melhoria. E despertar nos jovens o desejo de viajar, e para os que já o tem viagem muito mais e de formas diferentes como o grupo, mas que para isso se informem, se preparem de forma correta consultando guias, como também é objetivo do grupo de transmitir, assessorar e planejar um guia do trecho visitado para ajudar a quem queira e goste de viajar.

A viagem

Como já foi citado, o artigo tratará das questões ligadas ao planejamento, infraestrutura do turismo em geral e da juventude, embora sejam concomitantes apresentam algumas questões ou serviços que são mais específicas de cada um e, por isso, a análise será feita primeiramente ligada ao turismo mais global e depois ao segmento da juventude.

O primeiro passo foi dado no dia 5 de julho de 2004, partindo de São Paulo, Capital direto para o primeiro ponto: Cananéia, e de lá rumo ao norte na seguinte seqüência: Ilha Comprida, Iguape, Peruíbe, Itanhaém, Mongaguá, São Vicente, Santos, Guarujá, Bertioga, São Sebastião, Ilha Bela, Caraguatatuba e Ubatuba.

Logo no início, ao chegar em uma das cidades do sul do litoral, quando se vê o portal bem elaborado, tem-se a impressão de um local planejado ao agrado do turista, afinal um portal pode ser para muitos o chamativo para ali adentrar. Mas para quem chega de ônibus este chamativo já não se torna tão positivo, pois lá não se tem um terminal rodoviário, o ônibus pára em uma rua estreita ao lado da calçada e descarrega seus passageiros e bagagens, para muitos pode não ser dado prioritário, mas relacionado a impressão visual e aos serviços que servem para cativar o turista, a fato de não possuir um terminal adequado, bem localizado pode certamente inibir a visita de um potencial viajante. Porém não se sabe os verdadeiros motivos desta não implementação da rodoviária, se são uma temível e desnecessária descaracterização do ambiente, pois apresenta arquitetura histórica ou outros motivos que também podem ser a falta de planejamento e/ou vontade.

Turismólogo

Deixando um pouco de lado esse aspecto da infra-estrutura, nesse mesmo município se permite chegar a um ponto um tanto quanto polêmico, a regulamentação da profissão do bacharel em turismo.

Quando se procurou agendar uma entrevista com o responsável pela secretária ou pelo Turismo da cidade, já foi encontrada outra dificuldade, a responsável que era formada em jornalismo não estava, pois estava ocupada com outros assuntos da prefeitura relacionados à sua área de formação e quase não ficava na secretaria, isso segundo funcionários da própria. Esse fato é comum e antigo no setor turístico; Barretto (2003, p. 91) comentando algumas dificuldades para o turismo nacional diz que: “O problema da falta de profissionalização

permeia todas as áreas do turismo. A própria presidência da Embratur já foi ocupada por vários políticos, um economista, um jornalista [...]”.

O bacharel compete com profissionais de diversas áreas que tenham alguma “experiência” no campo turístico e em outras atividades que se relacionam ao Turismo e podem acabar por dissolver a reputação do setor através de improvisações e amadorismos quanto a sua condução.

A implantação de cursos superiores de Turismo é algo recente no Brasil (o primeiro foi criado no ano de 1971) e, portanto, não tem a tradição que os outros cursos possuem e o fato de serem reconhecidos oficialmente perante órgãos oficiais de educação ainda não garantiu a regulamentação da profissão. Isso torna a concorrência no setor turístico acentuada, já que não há processo legal algum para atuar no setor. (Ruschmann, 2002 p. 08).

Hoje os cursos de turismo crescem cada vez mais por todo o Brasil, (o curso da UNESP mesmo completa em agosto de 2005 apenas dois anos). A cada ano se formam mais profissionais, mas o que ainda buscam é a regulamentação.

O outro lado é que o fato da profissão não ser regulamentada não impede, por exemplo, que um administrador público contrate o profissional em turismo para seu órgão, mas não assegura ao profissional o seu real valor, por ter estudado, especializado e dedicado ao fortalecimento, podemos dizer sindicalista, da profissão, a fim de garantir seus direitos. E só o fato de ter o profissional pode não garantir o sucesso do desenvolvimento turístico de uma localidade, pois especialistas chegam a uma região com as respostas e medidas de outra que não são compatíveis, ou seja, profissionais que inserem equipamentos que deram certo em outra área, mas que não servem ali e desprezam a inserção da comunidade local para adquirir uma maior conhecimento da região e, sim, a partir daí tomar providências.

Voltando a questão infra-estrutural, o que também foi uma das principais dificuldades encontradas pelo grupo em algumas partes foi à falta de sinalização adequada, relevante, medida importante à eficiência da infra-estrutura turística. Na lista de sete itens, que Beni (2003, p. 133) disponibiliza para avaliar a eficiência da infra-estrutura básica do turismo, três deles estão diretamente ligados às constatações da viagem e são eles:

“3. Sistema informativo e indicativo das áreas, locais, logradouros e instalações turístico-culturais e recreativas. 5. Destinação de local para camping, e 7. Terminais de transportes nas áreas de grande afluência turística e áreas de estacionamento de veículos”.

O item sétimo relaciona-se ao início da viagem como já foi explanado o caso e o quinto será abordado mais à diante. Enfim, é obvio que a falta desses serviços em geral

dificulta o proveito do turista, como aconteceu ao grupo em relação ao item terceiro da lista avaliativa.

O exemplo dado será de uma cidade localizada no início da Baixada Santista. Necessitados de uma placa objetiva que informasse alguma central de informações turísticas, secretaria, ou algo que auxiliasse na direção certa, os integrantes se depararam com uma placa iguais as de trânsito, – não da mesma cor, mas idêntica e ao lado das sinalizações de tráfego, de avenidas, que costumadamente tem maior importância para a informatização de passantes – de uma rede de lanchonetes famosa. O problema não está isoladamente daquela placa ser de uma ou outra rede ou ser de uma empresa privada, é claro que a lanchonete pode ser um atrativo, já que é mundialmente famosa, mas priorizá-la em relação a uma de importância turística, por exemplo, uma direcionando-o à central de informações pode ser levado como um grave descaso ao visitante ou mesmo à atividade turística, e que também poderá inibir o turista, já que ele não saberá para onde se direcionar para um melhor aproveitamento. Enfim, o turista não saberá o que visitar, mas pelo menos não morrerá de fome, isso nos faz pensar que seria esse o intuito.

De modo geral foram constatados campings sem condições (será abordado a diante); descasos com o meio ambiente, verticalização acentuada (criação de condomínios e prédios muito próximos às praias e áreas naturais); ônibus públicos precários trazendo até riscos para os turistas, preços abusivos; atrações e empresas fechadas o que muitos disseram ser por causa da época (que não era a estação de verão para propiciar aquele famoso “Sol e Mar”), porém, estamos no Brasil que não possui um inverno tão rigoroso e afinal era período de férias escolares, muitos jovens estudantes que se não viajam na alta temporada estavam viajando, portanto, também necessitados desses serviços. E falta de condições fundamentais para a população local como: saneamento básico, inserção da comunidade nos serviços e empresas prestadoras, por isso talvez o fato de moradores abrirem seus próprios estabelecimentos e sem treinamento adequado afetar de modo negativo o turismo na sua localidade.

O que também causou dificuldades e também dificulta os turistas menos afortunados pelo capitalismo, foi a falta de hospedagens como campings e albergues, o que geralmente são formas econômicas para o viajante, e o possibilita um contato maior com a natureza, interação entre pessoas, esses serviços de hospedagem se inserem no turismo da juventude, que foi também o nosso foco de análise da viagem.

Turismo da Juventude

Giaretta (2003 p.08) em sua excelente obra *Turismo da Juventude* define turismo da juventude como:

Turismo praticado por um grupo homogêneo de jovens, com as características marcadas por período etário, estilo de vida e estado de espírito, que desencadeia uma série de sub-segmentos divididos em vários tipos de turismo, entre eles, educativo (estudantil, intercâmbios, cursos no exterior); associativo fomentado por associações como albergues da Juventude, Clube dos Escoteiros, Associação de Cristã de Moços e de Moças; turismo social, promovido por organizações que facilitam o acesso de jovens que ficariam excluídos da prática do turismo convencional; e turismo de natureza (ecoturismo, aventura, esportes radicais, turismo alternativo).

A partir da definição acima serão relatados os passos da viagem e analisar os obstáculos encontrados para o fomento desse turismo. Mas também serão relatados algumas ações e benefícios que tornam o turismo da juventude satisfatório como pode e deve ser qualquer outro que interesse ao seu público específico. O Primeiro ponto será o da hospedagem.

Albergues

O turismo da juventude é fomentado por diversas associações entre elas os Albergues da Juventude, que é um meio de hospedagem associativo que forma a maior rede econômica do mundo, é da marca Hostelling International. Difundida por 70 países, oferece um padrão mínimo de conforto, ambiente descontraído, propício a encontrar pessoas para formar amizades por todo o mundo e conhecer o máximo com o mínimo de gasto. (Giaretta, 2003).

Como se pode notar o albergue pode ser um meio ideal para o turista alternativo, mas no litoral paulista são poucas as cidades que possuem um Albergue, apenas Peruíbe, São Sebastião e Ubatuba. Nos outros municípios, empreendedores responsáveis e organizados em prol de melhorias no turismo poderiam implantar albergues que tenham este padrão de qualidade que os da rede antes mencionada possuem, pois seria um meio de atrair viajantes que já os freqüentam ou não tem oportunidades de conhecê-los justamente por não tê-los.

Campings

Uma outra questão presente todo o tempo da viagem foi a dos *campings*. Beni (2003, p. 335) define Acampamento turístico (*camping*) como:

Estabelecimento comercial de locação de espaço, instalações e serviços, destinado à cessão individual de lotes para instalação de barracas e/ou estacionamento de *trailers* ou *motorhomes*. Dispõe de infra-estrutura básica em toda a área e edificações de serviços centralizados de alimentação e higiene.

No trajeto foram vistas muitas “áreas” de *camping* montadas em quintais de moradores e muitas sem condições adequadas para a alimentação e higiene; segundo alguns moradores: a falta de condições para a inserção deles (comunidade) nos serviços e empresas prestadoras os obrigam a criar métodos alternativos e abrirem seus próprios estabelecimentos.

A ocorrência desse fato, muitas vezes, afeta de modo negativo o turismo na sua localidade devido à falta de treinamento dos mesmos. Este tipo de hospedagem que possibilita um contato maior com a natureza, interação entre pessoas e economia, pois economizando com estes meios de hospedagens mais baratos poderá sobrar ao turista uma quantidade maior para uso de outros serviços como passeios, artesanato, etc.

Descontos

A política que seria ideal ao jovem viajante é a dos descontos em serviços prestados. Um exemplo pertinente é o dos transportes, como na Europa, estudantes e jovens possuem descontos nas passagens como afirma Giaretta (2003) “O *Eurail* tem uma série de tipos de passes de trem e em quase todos os menores de 26 anos pagam menos”. Diferente do Brasil que historicamente não tem voltado as suas políticas para benefício do desenvolvimento interno do turismo, dando prioridade ao turismo receptivo (ao turista estrangeiro), isso também é importante, mas como afirma Santos Filho (2005) que: “Vender a imagem do Brasil deve ser função do Estado, porém, deve estar pautado na realidade concreta, no conjunto das práticas de lazer e turismo do povo interno”. Logo, essa questão dos descontos seria apenas uma das medidas cabíveis ao desenvolvimento justo do turismo interno. O Brasil, além de praticamente não possuir transporte ferroviário para o turismo, nem as empresas rodoviárias garantem descontos, elas permitem estes descontos apenas pra itinerários fixos em que o aluno vai da sua casa para o local onde estuda. Mas essa política poderia ser empregada por todos os meios de transporte turísticos.

Esta questão de preços abusivos, não só de transportes, como em passeios e outros serviços muitas vezes é o que exclui o viajante, o turismo juvenil como na definição anteriormente mencionada busca em união com associações facilitar o acesso de jovens, sejam eles de espírito, estilo de vida, ou mesmo pela faixa etária Ineri-lo no turismo, ou seja, as parcerias de associações sejam de moradores que formam associações para venderem

serviços mais baratos e chamar o potencial turista ou de grandes órgãos que através de planejamentos e medidas bem estruturadas irão automaticamente fomentar o turismo da juventude, social, mochileiro, alternativo, entre outros.

No fim a jornada durou nove dias, e não os quatorze possíveis, devido ao adiantamento de certos trechos por causa da época, como já foi citado, havia locais que se encontravam fechados e não podíamos prolongar a nossa espera, até condições climáticas. Isso atrapalhou um pouco a pesquisa, pois pretendíamos avaliar mais pontos, aumentando as questões que poderiam ser analisadas.

O tempo e algumas condições não foram propícios para uma exímia análise dos municípios e também pelo nosso tímido embasamento, ou seja, constatou-se o que seria de importância fundamental à atividade turística organizada e serviços em geral para os turistas, como o grupo.

Várias cidades ofereceram escassas ou difíceis áreas de camping ou simplesmente não possuíam um albergue da juventude. O que pode ser mudado, pois muitos turistas; mochileiros ou como os integrantes do grupo (com poucas condições financeiras), mas que também podem ser considerados como mochileiros, como visto antes; amantes da natureza e turistas, em geral, que se sintonizam e priorizam este tipo de acomodação, o que gera mais uma medida viável, se bem planejada, tanto para empreendedores responsáveis quanto, e principalmente, aos turistas, pois quando economiza em hospedagens sobrarão quantias para o uso de outros serviços como passeios, artesanato, entre outros, estimulando a oferta de mais e melhores serviços. Para isto seria útil também criar cooperativas de moradores ou *campings* comunitários para gerar uma melhor organização.

Não foi foco do artigo danificar a imagem e retrainir turistas para estas cidades e sim o contrário, visando a promoção de melhorias do setor turístico, buscar resoluções que servirão para dar uma guinada positiva ao planejamento do turismo nacional, – e ao próprio desenvolvimento das cidades que se comprometerem a uma reorganização dos seus serviços e planos –, livrando-o de armadilhas promovidas por desabilitados dirigentes e por curiosos empreendedores que vêem a atividade somente como geradora de riquezas e não de responsabilidade social, política e cultural. E provar a sapiência e responsabilidade do bacharel em turismo em relação ao seu papel transformador e social. Como defende Santos Filho (2004): “[...] uma categoria politizada e preocupada com seus deveres profissionais”.

De fato as cidades possuem grandiosas atrações, belezas, serviços, isso nem se questiona, mas muito há de se melhorar.

Espera-se muito que este artigo se torne mais uma ferramenta para análise e engajamento de pesquisadores que se interessem e lutem por um turismo organizado, justo, que procure o seu desenvolvimento interno. O trabalho também não pretende tomar conta da verdade, trazer respostas prontas e sim provocar nesses pesquisadores a busca se não das soluções, no mínimo melhorias. E também aos jovens que querem adentrar o mundo do turismo e que se espelhem na experiência aqui passada pelo grupo (que pretende também criar brevemente um guia do litoral paulista com informações, pontos turísticos, dicas entre outros e também prestar qualquer assessoria referente ao trecho percorrido) para cobrar não só de responsáveis pelo turismo, mas também de políticos.

Referências Bibliográficas

- BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 8ª ed. São Paulo, Senac, 2003.
- BARRETTO, Margarita. *Planejamento e organização em turismo*. 8ª ed. São Paulo, Papirus, 2003.
- GIARETTA, Maria José. *Turismo da juventude*. São Paulo: Manole, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo, Atlas, 2002.
- RUSCHMANN, Doris. *Turismo no Brasil: Análises e tendências*. São Paulo, Manole, 2002.
- SANTOS FILHO, João dos. *Por que sabotam a regulamentação da profissão de Turismólogo*. Revista Espaço Acadêmico, nº 37, jun. 2004. www.espacoacademico.com.br, acessado em: 02 mai, 2005
- SANTOS FILHO, João dos. *Por que a ação da Embratur se torna preocupante para a formulação de Políticas Públicas internas em Turismo?* Revista Espaço Acadêmico, nº 48, mai. 2005. www.espacoacademico.com.br, acessado em: 13 mai, 2005.

